



A Illustração Portuguesa

SEMANARIO

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Alberto Pimentel; Bulhão Pato; G. Castello Branco; C. Dantas; C. Bellem; E. de Barros Lobo (*Beldemonio*); Eça de Almeida; Eugenio de Castro; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Pina; Gerasio Lobato; D. G. Torrezão; Gallis (A.); Joaquim Lima; J. M. da Costa; J. C. Machado; L. A. Palmeirim; Marcellino Mesquita; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Silva Pinto; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcantar, etc

SUMMARIO

TEXTO:—*Chronica*, por Santilhana — *O ultimo governador portuguez de Larache*, por Pinheiro Chagas. — *Novo Fausto*, soneto, por Francisco de Menezes. — *As primeiras obras de Camillo Castello Branco*, por Alberto Pimentel — *Relação exacta dos presos da Junqueira*, por Alberto Telles. — *As nossas gravuras*. — *Em familia (passatempos)* — *A vir*. — *Um conselho por semana*. — *O Naturalismo (Os Maias)*, por D. Guiomar Torrezão. — *Perfis, versos*, por Luiz da Silva. — *Espediente*.
GRAVURAS:—*Eduardo Augusto da Silva* — *Barão de Carvalho Borges* — *Transformação de Lisboa* — *O commendador Luiz Maria de Carvalho*, conego da sé de Loanda, e os seus discipulos africanos.

CHRONICA

Crimes e sangue por toda a parte. A navalha traiçoeira pondo ao sol quente de julho as tripas da humanidade, intra e extra-muros, n'uma furia assassina de canibal, n'um *delirium tremens* de bebado relapso.

Entre-Campos esfaqueia-se; espanca-se em Carnide; idem, idem nos Olivares; o mesmo na rua do chafariz de Andaluz, não fallando na tragedia de Braga, a *sancta civitas*, e n'outras muitas tragedias sangrentas que se teem representado por esse paiz fóra.

Os crimes, aqui em Lisboa e seus suburbios, veem ás revoadas, tal qual como os incendios. Arde um predio, incendejam-se vinte d'enfiada; registra-se um assassinio nas chronicas policiaes,



EDUARDO AUGUSTO DA SILVA

e a navalha não descança enquanto não se registrar uma duzia d'elles, pelo menos.

Vae-se a ver quaes são as causas de tamanha mania, e encontram-se, na cabeça do rol, o viúho, o ciúme, a mulher. A's vezes, mesmo, não se encontra nada d'isso; simplesmente o desejo de matar, de experimentar sensações novas e de as produzir no proximo. Esfaqueia-se por gosto, por medida hygienica, para desenervar o braço. Como não ha touradas, os theatros fecharam e a exposição da Avenida não diverte, vae-se para a taberna nas horas d'ocio, paga-se o vinho a um amigo e mata-se esse amigo, ou, á volta para casa, dá-se cabo da propria mulher. Chega a policia, e se está nas suas horas felizes, prende o assassino; se não está, deixa-o fugir. Quando logra captural-o, a justiça intervem, permite a fiança, classifica de anarchista o criminoso, e considerando que elle matou para desaggravar a honra offendida de Luiza Michel ou de Felix Pyat, envia-o em paz aos seus penates.

E' claro que, por este processo, a *Virgem Vermelha* recruta entre a nossa população um numero avultado de paladinos com que não contava, e a maioria dos crimes que por ahi se praticam chega a ter uma feição sympathica, porque, no fim de contas, nada ha mais digno do que defender a honra ultrajada de qualquer mulher, embora esta mulher seja feia como uma noite de trovões.

Verdade, verdade, eu comprehendo que o povo de Lisboa esteja damnado, e tenha sede de sangue, e sinta uma necessidade imperiosa de cevar as suas iras nas entranhas do proximo. O que ha de elle fazer, se lhe não dão agua?!

Tem-se visto commetter os crimes mais monstruosos por falta de pão, desde o roubo até ao assassinio. Porque não havemos de admittir que a falta d'agua seja a causa primordial de todos ou quasi todos esses dramas sinistros, que ahi nos apavoram quotidianamente?

Sedento, esbraseado, sentindo o calor caustico do meio dia escaldar-lhe a garganta resequida, o indigena, como se tivesse um grande sinapismo Rigolot a queimal o lá por dentro, desata-se a ingerir Falerno sem conta nem medida; as libações sobem-lhe á cabeça; um homem não é de ferro; os instinctos ferozes veem á supuração, e agora o vereis: na inconsciencia da embriaguez, é facada por uma pá velha!

De todas estas monstruosidades, o verdadeiro, o unico culpado, quanto a nós, é o sr. Pinto Coelho. Se lhe pedem agua, s. ex.^a responde na imprensa com quatro lerias a tanto por linha, que não matam a rã de a ninguem, e manga com a tropa.

Sem agua, sem Colyseu e sem theatros por causa da falta da mesma, a tropa desespera-se, recorre ao tinto do Termo, e faz das suas. Admirado estou eu de que lhe não desse ainda para esquartejar o sr. Coelho e comel-o de molho de villão!

Por um pouco, não recorre a este expediente o Sousa Bastos, novo empresario do theatro da Avenida. Quando já tinha a casa toda vendida para um espectáculo de sensação, a policia, n'um dos seus rasgos muito excepcionaes de providencia, manda-o fechar as portas, porque as boccas de incendio não se achavam em estado de poder fornecer agua n'um caso de sinistro. Sousa Bastos, roubado nos seus interesses, apita, protesta e por um triz não ferra os dentes nas carnes do sr. Pinto Coelho, que bem podia chamar-se Pinto... outro animal, pela sua teimosia e prendas correlativas.

Feliz do parlamento, que se encerrou ainda a tempo dos illustres deputados e senadores não sentirem o

que nós temos sentido n'estes ultimos dias—á falta do nosso banho frio, do qual immergiamos com o corpo tonificado e vigoroso, promptos a recommençar o fadario incruento do eterno *struggle for life*.

A grande maioria dos representantes da povo, fazejando o horror d'esta situação insustentavel e damnada, em que a mais preciosa das obras de misericordia é posta de rastos por um Pinto Coelho sem entranhas, esgueirou-se aos seus lares provincianos, onde a fresca e agradável companhia da agua nunca falta, simplesmente por não terem lá chegado nunca as aguas da Companhia.

Causam-me verdadeira inveja os srs. deputados que se fôram. Elles, um pouco enxovalhados pelas immundicies da politica e do parlamentarismo, podem lavar-se tranquillamente nas suas casas. Nós, que andámos sempre lavadinhos e escorreitos, louvado Deus, não temos hoje com que encher as tinas, e havemos de nos sujar por força!

E' certo que o governo ficou, excepção feita do sr. ministro da marinha, que houve por bem depôr pela segunda vez a pasta, não para se bater, mas para vernear em Caeterets, á sombra das olaias frondosas. O governo, porém, sabe que, por mais que procure, não encontra em parte alguma agua onde se lave. Ahi está porque elle ficou. De resto, é o seu costume: quer limpo, quer sujo, sempre fica.

Entretanto, na Exposição industrial faz-se musica genuinamente portugueza, em concertos dirigidos pelo professor Rio de Carvalho; ás vezes, faz-se gymnastica, e faz-se tambem namoro, a luz electrica, o que não era muito vulgar nos nossos costumes. Tudo isto, gymnastica, namoro e musica por um tostão, ao ar livre, em noites de julho, devem confessar que é barato. Por muito mais se está ahi pagando um barril d'agua.

E ao certamen da Avenida se reduzem hoje as distrações do lisboeta que não veralça pelos campos. De longe em longe, toiros em Cintra, para matar saudades do campo de Sant'Anna; e, quando a Companhia das aguas o permite, zarzuela no Colyseu; mas o Colyseu fica no fim do mundo, e quando a gente se aventura a ir lá, tem de pedir, nos carros do Rocio, bilhete de correspondencia para o infinito. Uma massada.

Uma massada; achei a palavra. E' com ella que se define a vida de Lisboa na quadra que vae correndo.

Que fundas saudades eu tenho do inverno!

SANTILHANA.

O ultimo governador portuguez de Larache

Como os leitores da *Illustração Portugueza* teem de certo notado, o nosso principal intuito, nos artigos que frequentemente aqui temos escripto, é respigar nas publicações estrangeiras as informações que alli se possam encontrar acerca da nossa historia, informações ligeiras, quasi sempre adulteradas, mas que lançam muitas vezes uma luz inesperada, em factos que vivamente nos interessam.

E' necessario que nos convençamos de que houve sempre uma grande solidariedade entre os diversos povos nas transformações sociaes e nos progressos historicos, que a historia de Portugal não se comprehende, se a não relacionarmos com a historia dos outros paizes, se não procurarmos, no que se fez no estrangeiro, a explicação de muitas coisas que em Portugal se fizeram e que, isoladas, se não comprehendem, se não virmos tambem que muitas vezes se encontra em Portugal a explicação do que é enigma para o estrangeiro.

Por isso lemos sempre os livros de historia estrangeira, com

a preocupação da historia portugueza, por isso alli respigamos tudo o que a nosso respeito se póde colhar, e tudo o que póde esclarecer-nos.

Um dia d'estes vimos, que n'uma das academias francezas, se lera um estudo do sr. Alberto Vandal, ácerca de *Luiz XIV e o Egypto*. E' interessantissimo esse estudo, e mostra como Colbert já pensava nos intuitos politicos que presidiram ultimamente á abertura do canal de Suez. Via Colbert, que a descoberta do Cabo da Boa Esperança, déra um golpe mortal no commercio da França mediterranea, como o déra no commercio da Italia, que difficil lhe seria arrancar o commercio da India aos paizes que já então d'elle estavam senhores, como eram a Inglaterra e a Hllandia, successoras de Portugal, que ainda assim continuava a ter parte, ainda que pequena, n'esses lucros. Não podia, é claro, pensar, como Lesseps, na abertura do canal de Suez; mas tratou de ver se conseguia dominar o Egypto, e assegurar-se de um certo numero de garantias para o transporte das mercadorias entre Alexandria e Suez, e assim procuraria derivar de novo para o Mediterraneo o grande commercio do Oriente.

Vendo estas preocupações de Colbert, não nos occorrem logo ao espirito as preocupações de Affonso de Albuquerque, quando pensava em desviar o curso do Nilo, e abrir assim um canal, que seria o antecessor do canal de Suez, e que nos garantiria, a nós que o possuíamos, com muito mais facilidade do que o caminho do Cabo da Boa Esperança, o dominio do commercio oriental?

Veja-se d'este modo como o pensamento de Affonso de Albuquerque se completava. As nossas frotas guardavam a entrada do mar Vermelho, Centa guardava a entrada do Mediterraneo, e por um caminho, mil vezes mais facil e mais seguro, traziamos nós á Europa as mercadorias do Oriente. Emquanto o outro caminho tambem estivesse nas nossas mãos, o monopolio seria nosso, mas Affonso de Albuquerque bem sabia que nós não podiamos com tão vasto imperio e que as nossas frotas, logo que apparecessem novas nações maritimas, não podiam senhorear o Atlantico. Por isso o que se ligava sbretudo no seu vasto plano, era o seguinte: Fundação de um vasto imperio luso indiano, que seria cem vezes mais solido do que o actual imperio anglo-indiano, a chave do Golpho Persico em Ormuz, do mar Vermelho em Guardafui, do novo canal que ligasse esse mar com o Mediterraneo, nos pontos que conseguisse occupar na Africa do Norte e em Centa a passagem para o Atlantico. Este sonho não passou de certo senão rapidamente por diante dos olhos do genial conquistador, mas affagou lhe com certeza por alguns instantes o cerebro, como depois appareceu de um modo diverso, mais persistente, mais pratico e mais immediato, ao espirito de Colbert.

O que acabamos de escrever, é, porém, apenas o prefacio do que vamos contar aos nossos leitores. Quizemos dar-lhes um exemplo do muito que se aproveita para a historia portugueza com a leitura de livros da historia estrangeira, e agora, segundo o costume, vamos rebuscar n'um livro que acaba de sair á luz, umas notas que nos servem.

O livro a que nos referimos, intitula-se *Diario do Corsario João Doublet, de Honfleur, tenente de fragata no reinado de Luiz XIV, publicado segundo o manuscripto autographo, com introdução, notas e addições por Carlos Bréard*

Este livro mereceu um artigo á *Revista de Edimburgo*, que n'elle encontrou alguns traços caracteristicos, para a historia das luctas entre a França e a Inglaterra; nós muito pouco podemos respigar, porque, pelo volume que está publicado, vê se que João Doublet não teve que se metter com os nossos navios. O outro volume, ainda não publicado, nos dirá se elle seguiu Du Clerc ou Duguay-Trouin ao Brazil.

E' escripto o livro com uma singeleza, diremos até, com uma rudeza e uma ingenuidade, que denotam a authenticidade do manuscripto. Os Francezes tiveram sempre o que sempre nos faltou a nós—as memorias. Em França os mais insignificantes marinheiros, os mais ordinarios creados dos Paços, escrevem as suas lembranças pessoaes; em Portugal, nem os mais affamados almirantes, nem os mais importantes servidores da realza, escreveram as suas. Por isso a historia de França é relativamente muito mais facil de escrever do que a nossa, e os seus romancistas encontram minas, que faltam completamente aos nossos.

Vamos, porém, ao ponto que nos interessa.

João Doublet naufragou uma vez na Andaluzia, e, achando-se sem recursos, acceitou o commando de uma tartana hespanhola que ia para as Canarias. No caminho foi atacado por um corsario de Salé, que conseguiu repellir, chegando são e salvo a Tenerife.

A proposito d'este acontecimento da vida de João Doublet, escreve a *Revista de Edimburgo*:

«Um grande numero das mais interessantes (*narrativas*) de Doublet, são as que se referem aos seus encontros com os piratas marroquinos ou argelinos, cujos navios não limitavam por fórma alguma os seus cruzeiros ao Mediterraneo—*como vulgarissimamente se acredita.*»

Em Inglaterra de certo, porque em Portugal e em Hespanha pelo menos, toda a gente sabe que os piratas barbarescos tanto cruzavam no Mediterraneo, como no Atlantico. Portugal tinha sempre em serviço a armada chamada do estreito, que tinha exactamente missão de vigiar as costas de Marrocos e de impedir, tanto quanto possivel, os navios argelinos de passarem o estreito de Gibraltar.

Eram tão frequentes até os assaltos dos piratas mouros ás costas portuguezes, que na Inglaterra não deixaria de se saber que são banhadas exclusivamente pelo Atlantico,—que d'essa frequencia de ataques de piratas saiu um conhecido proverbio portuguez muito popular entre nós: *Anda mouro na costa.*

Foi pois para Tenerife que João Doublet se dirigio, e ahi teve conhecimento da historia que nos interessa e que vamos reproduzir, traduzindo o extracto e as transcrições que a *Edinburgh Review* faz:

«Outra das suas aventuras com os piratas, refere-se não a elle mas á familia de D. Antonio Garcia Portuguez, que elle encontrou em Salé e que lhe contou a sua lamentavel historia. Garcia era filho do governador da praça de Larache, na costa de Africa, que fóra tomada pelos Mouros; e, contra as clausulas da capitulação, fóra elle conservado na escravidão com a sua familia. Seu pae morrera de desgosto, pouco tempo depois, mas elle e a sua mulher tinham sido empregados no jardim do imperador, em Fez. Alli viviam com socego havia muitos annos, e tinham duas filhas e um filho. Quando a mais velha das filhas chegou aos quinze annos, o imperador reclamou-a para o seu harem. Garcia disse lhe que Deus o fizera senhor dos seus corpos, mas não das suas almas, e que as meninas pertenciam a sua mãe. A esse discurso respondeu o imperador com a ordem de lhe mandarem a criança n'essa mesma noite. Voltando do seu primeiro assombro ao ouvir essa noticia, a desgraçada mãe perguntou a sua filha se não queria antes morrer martyr na fé christã, do que renegar o seu Deus e fazer-se mahometana. «Querida mãe, respondeu a filha, matai-me antes com as vossas mãos, do que me succeda tal desgraça; talvez eu não podesse resistir ás ameaças ou tormentos.» Então, a mãe, pegando n'um grande canivete, cortou e retalhou em diversos pontos o rosto da sua filha, dizendo-lhe: «Padece por Jesus Christo.» E a pobre rapariga, sem se queixar nem gritar, dizia: «Mais, minha querida mãe» por muitas vezes, e ficou toda desfigurada. Tendo sabido isto, o imperador, mandou dar cem bastonadas nas solas dos pés de D. Antonio e duzentas na barriga da mãe, que expirou com esta barbaridade, e ordenou que a sua filha mais nova, que ia ter dez annos, lhe fosse tirada e mettida no serralho, onde morreu de desgosto poucos dias depois de lá a fecharem.» Seis mezes depois, o imperador restituiu a Garcia as suas boas graças, tornou-o a pôr no legar dos jardins, permittiu-lhe educar seu filho com os missionarios christãos que serviam de interpretes. Era a terceira vez que encarregava o pae de tratar de troca de escravos.»

«Effectivamente, diz Doublet em fórma de conclusão d'esta triste historia, este sr. Garcia era homem de tino e muito prudente.»

Apenas diremos, para acrescentar uma noticia a esta transcrição; que effectivamente em 1610 tinhamos reoccupado Larache, que perdemos de novo annos depois. Mas só muitissimos annos depois da sua perda, é que João Doublet encontrára o filho do seu ultimo governador.

PINHEIRO CHAGAS.

NOVO FAUSTO

(Ao sr. Thomaz Ribeiro)

Satanaz torna um velho á mocidade,
E a alma lhe recebe em troca amiga;
Diz isto um poema da Allemanha antiga
Cheio de encanto e mimo e suavidade.

Quem operou a tal monstruosidade
Foi uma loura e casta rapariga,
Que, cantando, dobava a branca estriga
Com os olhos azues na immensidade.

Cheguei a duvidar do velho thema
Tão discutido, e sempre respeitado
Como evangelho ou lei justa e suprema...

Hoje essa these não é ceo nublado;
Graças a alguém que o immortal problema
A meus olhos tornou bem demonstrado!

Vizeu.

FRANCISCO DE MENEZES.

AS PRIMEIRAS OBRAS

DE

Camillo Castello Branco

II

Vieira de Castro dá noticia de um opusculo de Camillo Castello Branco intitulado *O clero e o sr. Alexandre Herculano*. Diz que não pudera haver o opusculo, mas transcreve a referencia que Herculano lhe fizera. «Que estava ainda muito moço o author para entrar n'aquellas questões, mas que viria a fazel-o, sahindo d'ellas com muita honra sua, e da patria.»

O opusculo *o clero e o sr. Alexandre Herculano* não é vulgar no mercado, sem aliás ser tão raro como o *Juizo final*. Pode adquirir-se em leilões de bibliothecas particulares, e encontra-se ordinariamente colleccionado com outros opusculos relativos ao milagre de Ourique, sejam os que Herculano escrevera em propria defesa, como *Eu e o clero*, *Solemnia verba*, sejam os do seu contradictor Magestade Tavares, e outros.

O clero e o sr. Alexandre Herculano sahiu anonymo. O frontispicio, copiado litteralmente, diz o seguinte:

O CLERO

E O

SR. ALEXANDRE HERCULANO

LISBOA

IMPRESA DE FRANCISCO XAVIER DE SOUZA

Rua da Condeça n.º 19

1850

Comprehende 19 paginas em 8.º, entrando na ultima, além do texto, uma *Errata*.

Este opusculo accusa, sobre o *Juizo final* e os *Pundonores desagradados*, um notavel progresso. A linguagem, comparada com a da advertencia do *Juizo final*, tem consistencia, certa unidade flexivel que obedece ao pensamento; no estylo ha já o que quer que seja de individualidade, posto que vacillante.

Vejamos:

«Verdade, sentimento, historia, e poesia—são a contextura de *EU E O CLERO*. E' um triumpho; mas o vencedor, no arraial dos vencidos, olha compassivo os pedaços da hoste desbaratada, crusa os braços, e exclama: «Coitada da ignorancia!...»

«Quizeramos chamar ao sr. Herculano o facho illuminador de prestigios aposentados na escuridade intellectual do maior numero de portuguezes... mas—nada de lisonjarias—muito tempo ha, que um compendio d' historia, sem dizer nos o porque, duvidava da appareição de Christo ao fundador da monarchia. Agora, sim—sabe-se como pensavam os scepticos do milagre; vê-se que o raciocinio e religião vivem n'um abraço muito cingido; e, portanto, bem dita esmola foi essa que nos veio d'um esforço—esmola de caridade tão incompativel na apparencia com o sentimento que a inspirou;—finalmente, fructo saboroso sacudido da arvore da sciencia por tufão violento.»

Supponmos que o compendio de historia, a que Camillo se refere, seria o excellente *Ensaio sobre a historia do governo e da legislação em Portugal*, publicado em 1841 pelo dr. Coelho da Rocha e ainda hoje lido na Universidade. Em nota á noticia da batalha de Ourique, escrevera Coelho da Rocha: «Esta batalha deve lêr-se na *Chronica gothorum*. Appendic. a P. 3, da *Monarch. Lusit.* Escrip. I. E' o documento originario, d'onde passou para os Chronistas e Historiadores, os quaes tem escripto este acontecimento com mais desvanecimento e maravilhoso, do que exactid o.»

Sobre o titulo com que Alexandre Herculano encimou a carta ao cardeal patriarcha (Lisboa 1850) discreta Camillo:

«*EU E O CLERO*.—*Eu*—representa uma intelligencia superior nas letras portuguezas do seculo 19. Não é uma intelligencia perecedoura como o metheoro que passa; tem no seu brilhar a perpetuidade dos luzeiros celestes; mas, mais agraciado que elles, não é dado aos outros cá em baixo eclipsal o. Homens, que fazem a litteratura de um seculo, passam desafrontados e sosinhos na ecliptica da sabedoria.

«*O clero*—representa os padres portuguezes. Estes, divina e humanamente escrevendo, representam a classe que, d'antes, ensinava aqui aos reis e aos povos a vereda que levava ao ceo, algumas vezes. O padre, unido entre os preceitos do Altissimo, e corações tão rudes como crentes, era o enlace d'ambas as philosophias—a do ceo, e a terrena, Depois, materializado, empobre-

cido, e desalentado no seu abandono—o pobre do clero assim rhytico e passivo—é como elle estava na epocha em que este paiz saudou o natalicio da *Historia de Portugal* do sr. Alexandre Herculano.»

Camillo Castello Branco enumera os ataques de que Herculano fôra victima. Refere-se ao sermão de um egresso, em Braga, que condemnara de irreligiosa a opinião do historiador a respeito da appareição de Ourique. Este foi o signal de alarme por parte do clero. Seguiram-se depois outros ataques, feitos no pulpito, e quantidade enorme de artigos de jornaes e folhetos avulsos. Camillo vai seguindo a par e passo a narrativa de Herculano no *Eu e o clero*.

O resto do opusculo é um brado de juvenil indignação contra as censuras vibradas a Herculano. Camillo escreve da abundancia do coração; mas a defesa é frouxa por declamatoria. O joven escriptor não estava ainda preparado para a discussão de materias que lhe são hoje familiarissimas, a theologia e a historia. Irritara-se nobremente, doia lhe a magua, mixto de azedume e desalento, que penetrara o coração de Herculano. Magua, a meu ver injustificada, porque o historiador devia ensoberbecer-se pela maneira como o clero o recebera, temendo n'elle um heresiarcha como Lutero ou Calvino. Herculano comprehendeu que tinha a medir-se com o clero todo, o que escrevia e o que pensava do mesmo modo, posto não escrevesse. Indica o o titulo da sua carta ao patriarcha: *Eu e o clero*. Mas elle não era um reformador do catholicismo; era um reformador da historia. Quebrantou-se por isso n'uma lucta aspera, em que as suas intenções estavam desfiguradas. Não queria vencer a igreja; queria reconstruir a historia. Acabou por aborrecer-se de esgrimir com uma classe que pretendia vencer o na enterpresa de historiador, que elle não havia tentado com o proposito de deixar vencida a igreja e a clerecia.

Lendo hoje, á distancia de trinta e oito annos, o opusculo de Camillo Castello Branco, o tratamento de *senhoria*, que é o uzual em todos quantos opusculos se escreveram sobre a questão de Ourique, afigurou-se-nos de uma antiguidade gothica. Como os tempos vão mudados!

Parecia vigorar ainda então a pragmatica de D. João V, que só consentia o tratamento de excellencia aos arcebispos e bispos, aos presidentes dos tribunales na sede da sua judicatura, aos generaes e vice reis em exercicio de funções, e aos titulares de visconde para cima. E que se contentassem, porque a *senhoria* tinha sido outr'ora um tratamento real.

Todos os que entraram na questão de Ourique, ha trinta e oito annos, permutavam-se uma simples *senhoria*. Hoje, o barbeiro de Herculano teria *excellencia*, só por usufruir a honra de escanhoar um homem illustre, que durante muitos annos fôra tratado de *senhoria*.

Trinta e oito annos!

Alteraram-se banalmente, n'este lapso de tempo, os costumes portuguezes.

Entretanto o author do *Clero e o sr. Alexandre Herculano* principiava definitivamente a sua jornada de escriptor, estudando, trabalhando, caminhando sempre, e ao passo que a sociedade que o rodeiava pouco mais fez do que demolir a pragmatica, elle edificou em solidas bases uma das mais consistentes e perduraveis reputações litterarias do nosso tempo.

A sociedade portugueza perdeu trinta e oito annos a dilacerar o pergaminho da pragmatica. Camillo Castello Branco ganhou-os para honra sua e do paiz em que nascera.

ALBERTO PIMENTEL.

Relação exacta dos presos da Junqueira

No tomo II, pag. 282—284, da *Historia do reinado de el rei D. José e da administração do marquez de Pombal* pelo sr. Simão José da Luz Soriano, foi publicada uma relação dos presos do forte da Junqueira, que o sr. visconde de Correia Botelho, a pag. 88, nota, do seu *Perfil do marquez de Pombal*, diz estar quasi exacta. Com effeito, assim é; porque tem a mais os nomes dos jesuitas João Alexandre e José de Oliveira, que nunca estiveram naquella forte, e a menos os de sete presos, como é facil de reconhecer cotejando a dita relação com a que damos adiante, fielmente extrahida do registo original da prisão da Junqueira. Vão em italico os nomes dos presos que até agora não foram divulgados pela imprensa.

Manuel Antonio Alvares de Carvalho, chamado o *Fidalgo do Gradil*.—Foi para a India.

Sebastião de Castro e Lemos.—Transferido para a cadeia do Limoeiro, e depois solto.

Francisco Xavier Teixeira de Mendonça, advogado em Lisboa.—Degredado para Angola.

Martinho Velho Oldemberg.—Degredado para Angola.



BARÃO DE CARVALHO BORGES

José Sebastião, creado grave de Martinho Velho.—Foi mandado para a torre de S. Julião da Barra, e depois para a India.
Fr. Francisco Manuel de Guimarães, barbadinho.—Foi para o Santo Officio.

Fr. Clemente, barbadinho.

Fr. Iluminato, idem.

Thomaz Francisco Xavier Ayres, homem de negócio.—Foi transferido para a cadeia do Limoeiro e degredado para Angola.

O Penajóia, frade franciscano.—Fugiu em 20 de dezembro de 1727 e, tornando a ser preso no convento de S. Francisco da cidade, fugiu novamente. (1)

José Portelli, creado de D. João de Sousa Calhariz.—Mudado para a torre de S. Julião da Barra, e depois solto.

Mathias Toscano Ferdigão, que vivia das suas fazendas na Villa de Pavia.—Foi para a torre de S. Julião da Barra.

Manuel Pegado, confessor das freiras de Santa Appollonia.—Foi solto.

Manuel Pereira, chamado o propheta de Leiria.—Transferido para a cadeia do Limoeiro, onde falleceu.

O conde de Obidos.—Morreu no forte.

O conde da Ribeira Grande.—Idem.

O conego José Maria de Tavora.

Martinho Mascarenhas, filho do duque de Aveiro.

O desembargador Antonio da Costa Freire.—Morreu no forte.

O jesuita José Moreira.—Idem.

O jesuita João de Matto.—Idem.

O jesuita Jacintho da Costa.—Idem.

O jesuita Francisco Duarte.

O jesuita Timotheo de Oliveira.

O jesuita Pedro Homem.—Foi para o Santo Officio.

Gabriel Malagrida.—Entregue ao Santo Officio, foi queimado no auto de fé de 1761.

O jesuita José Perdigão, que fôra governador geral.

João de Tavora.—Morreu no forte.

Gonçalo Christovam Teixeira Coelho.

Ligam se com a prisão d'este fidalgo transmontano alguns successos, verdadeiramente romanticos, que seria longo expor n'este lugar. E por isso bastará referir o seguinte: «Quando Gonçalo Christovam foi preso, tinha o casamento tratado com sua prima D. Francisca de Noronha Manuel Portugal. Ella julgando o, como todos julgaram, fallecido, vestiu-se de roxo, disposta a morrer solteira. Resurgindo elle, casaram então, e tiveram um unico filho, tambem de nome Gonçalo, herdeiro e successor.—O pae falleceu dois annos depois de sahir do carcere, e foi sepultado, bem como o filho, na sua capella de S. Braz.» (*Port. ant. e mod v. Vil'a Real*)

João Bernardo, sobrinho de Gonçalo Christovam.

Antonio Freire de Andrade Encerrabodes, que fôra ministro de Portugal na corte de Londres.

Bento de Moura Portugal.—Morreu no forte.

D. João VI de Santa Catharina de Jesus, frade de S. Vicente.—Morreu no forte.

D. Estevam, frade de S. Vicente, mestre dos meninos de Palhavan.

Marquez de Alorna.

Manuel de Tavora.

Salvador Soares Cotrim, escrivão do fisco.—Sahiu degredado para Mazagão a 3 ou 4 de abril de 1762.

Padre Antonio José Ruiz Villavicencio.

Nuno Gaspar de Tavora.

Conde de S. Lourenço.

E' fôra de duvida que todas essas pessoas estiveram no forte da Junqueira, como se prova de fs. 1 do registo da prisão, em que se lê o seguinte:

«Este livro ha de servir para n'elle se lançarem os assentos das pessoas que por ordem de sua magestade vierem para esta bastilha, e de quando sahirem ou fallecerem, o qual tem noventa e oito meias folhas numeradas por mim José Antonio de Oliveira Machado, desembargador da Casa da Supplicação e escrivão da Inconfidencia, de que fiz este termo que assignei.

«Junqueira, a 10 de fevereiro de 1757.

José Antonio de Oliveira Machado.»

Em conclusão, os presos do forte da Junqueira foram quarenta:

(1) O *Portugal antigo e moderno*, de Pinho Leal, v. *Vil'a Real de Traz-os montes*, refere algumas particularidades acerca do padre Penajóia, extrahidas do codice n.º 657 da bibliotheca municipal portuense, que se intitula—*Vida tragica e relação max oca dos trabalhos e perseguições que soffreu fr. Manuel da Rainha dos Anjos Penajóia desde Portugal até a Turquia, etc ip'a por elle proprio*; e, baseiando-se em informações particulares, attribue a fuga do mesmo padre dos carceres da Junqueira á intervenção da rainha D. Marianna Victoria, esposa de el-rei D. José I.

Fallecidos lá.....	5
Mandados directamente para o degredo	6
Transferidos para outras prisões.....	4
Requisitados pelo Santo Officio.....	3
Fugido.....	1
Solto.....	1
Postos em liberdade em 1777.....	16
Total.....	40

Os dezeseis, a quem aproveitou a clemencia de D. Maria I, foram os seguintes:

Marquez de Alorna.

Conde de S. Lourenço.

José Maria de Tavora.

Manuel de Tavora.

Nuno Gaspar de Tavora.

Martinho Mascarenhas.

Antonio Freire de Andrade Encerrabodes.

Gonçalo Christovam Teixeira Coelho.

João Bernardo Teixeira Coelho.

D. Estevam.

Francisco Duarte.

Timotheo de Oliveira.

José Perdigão.

Fr. Clemente.

Fr. Iluminato.

Antonio José Ruiz Villavicencio.

E porque os assentos de obito das victimas mais illustres da Junqueira podem, segundo cremos, interessar a historia, como sem nenhuma duvida interessam os actuaes representantes de suas nobres familias, aqui damos na integra esses documentos com a firme persuasão de que vêem, pela primeira vez, a luz da publicidade.

«Eu o padre Theodozio da Costa Moreira, presbytero do habito de S. Pedro, capellão da torre de S. Vicente de Belem, por sua magestade, que Deus guarde, e morador n'este forte da Junqueira, em companhia do desembargador José Antonio de Oliveira Machado, juiz commissario de Belem, certificado em como estando preso n'este forte, por ordem de sua magestade, o conde de Obidos, n'elle falleceu da vida presente de doença que Deus foi servido dar-lhe, em 10 de março de 1761, e foi enterrado no carneiro do mesmo forte, que eu acompanhei (a'ém de outros) com o mesmo desembargador juiz commissario, que aqui assignou comigo, do que passei o presente, que juro *in verbo sacerdotis*».

«Forte da Junqueira, a 12 de março de 1761.

José Antonio de Oliveira Machado.

O padre Theodozio da Costa Moreira.»

«O padre Antonio Fernandes Braga, presbytero secular, confessor approved, e capellão do sr. desembargador conselheiro José Antonio de Oliveira Machado, ministro da Inconfidencia, com juramento do segredo que recebi, e morador n'este forte da Junqueira, certificado que, estando preso n'este mesmo o conde da Ribeira Grande, falleceu da vida presente com todos os sacramentos, que eu lhe administrei no dia de hoje, 17 de janeiro, e foi sepultado no carneiro do mesmo forte, aonde o acompanhei paramentado, na fôrma do estylo, a que assistiram os guardas do mesmo forte, como o dito sr. desembargador conselheiro, e de tudo fiz este assento, o que juro *in verbo sacerdotis* que assignei com os sobreditos (*sic*).

«Forte da Junqueira, 17 de janeiro de 1768.

José Antonio de Oliveira Machado.

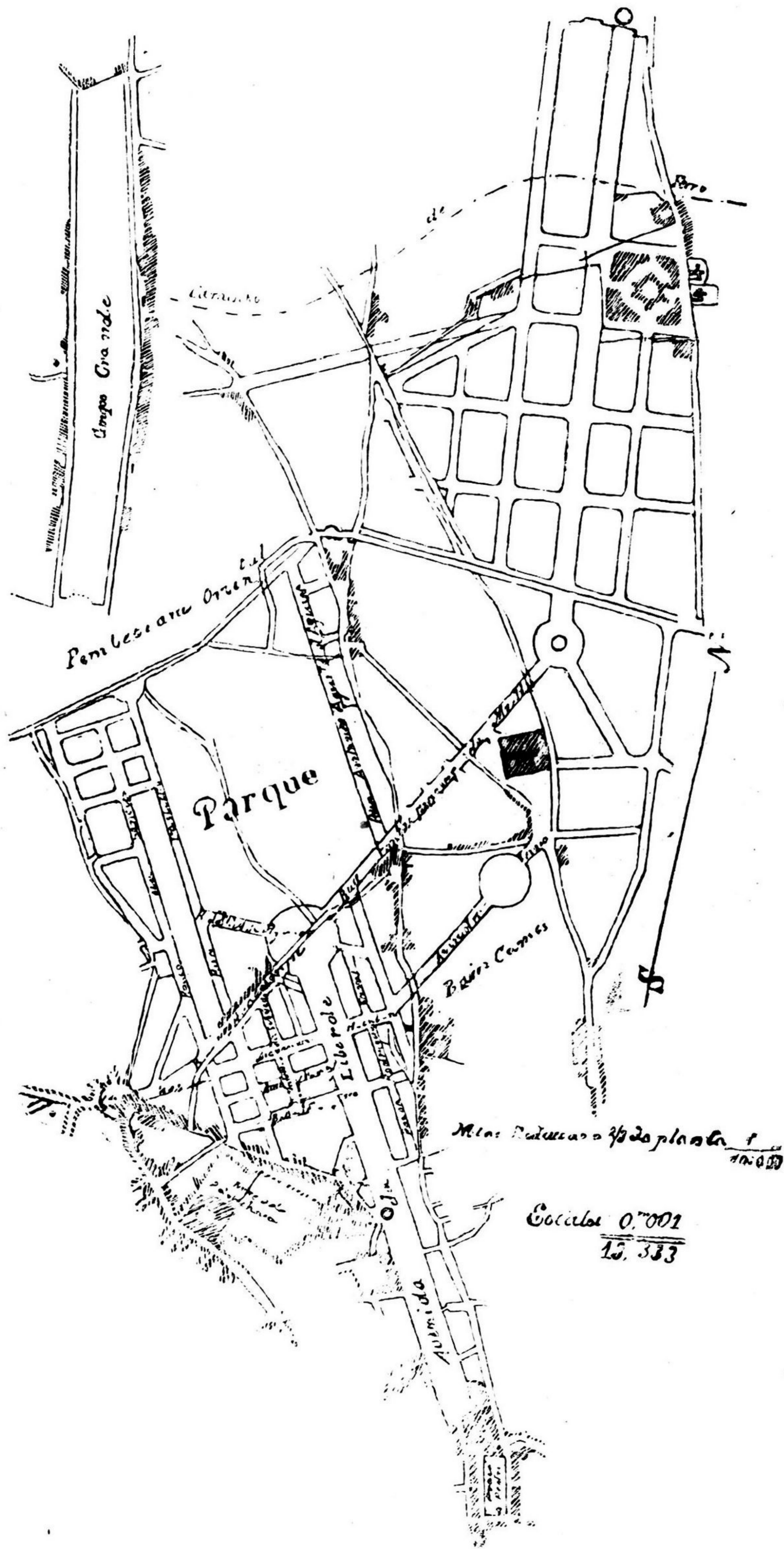
O padre Antonio Fernandes Braga»

«O padre Antonio Fernandes Braga, presbytero secular, confessor approved e capellão do sr. desembargador e conselheiro José Antonio de Oliveira Machado, ministro da Inconfidencia, com juramento de segredo que recebi, e morador n'este forte da Junqueira, certificado que, estando preso n'este mesmo João de Lorena, aliás, de Tavora, falleceu da vida presente, da molestia que Deus foi servido dar-lhe, no dia 7 de dezembro, e foi sepultado no carneiro do mesmo forte, aonde o acompanhei paramentado, na fôrma do estylo, a que assistiram os guardas do mesmo forte com o, dito sr. Desembargador conselheiro, e de tudo fiz este assento, o que juro *in verbo sacerdotis*, que assignei com os ditos nomeados (*sic*).

«Forte da Junqueira, 21 de dezembro de 1772.

José Antonio de Oliveira Machado.

O padre Antonio Fernandes Braga.»



A TRANSFORMAÇÃO DE LISBOA

AS NOSSAS GRAVURAS

EDUARDO AUGUSTO DA SILVA

Nasceu em Lisboa, n'um berço modesto, não sabemos ao certo quando. Em 1862, foi admittido na Casa Pia, onde estudou as varias disciplinas que se ensinavam n'aquelle estabelecimento.

Em 1867 foi ali creada a aula de desenho industrial, sendo então director d'aquella casa o fallecido par do reino José Maria Eugenio de Almeida, que tendo já conhecimento da especial propensão que Eduardo Augusto da Silva revelava para o desenho, tencionára mandal-o á escola Martinier, de Lyon, quando a morte o surpreendeu.

Sendo nomeado director o sr. Carlos Eugenio de Almeida, filho do fallecido, quiz este cavalheiro seguir os designios do seu pae, promovendo a entrada de Eduardo da Silva na Academia das Bellas Artes.

N'essa escola ponde o novel alumno demonstrar desafogadamente todos os recursos do seu talento artistico, do seu amor ao estudo e da sua vocação, obtendo premios e distincções em todos os annos do curso.

Concluido este, pediu a Companhia Edificadora á Academia que lhe indicasse um artista capaz de ser seu desenhador. A indicação recahiu em Eduardo Augusto da Silva, que durante seis annos exerceu aquelle lugar, sendo lhe confiados trabalhos importantissimos. A pratica e os conhecimentos theoricos obtidos na Academia, allados a um extremo e elegante bom gosto, fizeram d'elle um artista que, mesmo no estrangeiro, seria considerado uma verdadeira capacidade na sua arte.

Vagando, em 1879, a cadeira de desenho da Casa Pia, foi convidado a reger esta cadeira.

A Companhia Edificadora pediu-lhe, porém, para continuar a exercer ali o seu lugar, ao que elle accedeu por espaço de um anno.

Em 1883, o engenheiro Valladas, reconhecendo lhe o merecimento, escolheu-o para o auxiliar nos trabalhos de construcção do edificio da Casa Pia, de que estava encarregado, e até 1886 ahi o conservou.

Já em 1881 o distincto artista tinha regido a primeira escola profissional que se fundou pela benemerita iniciativa de José Augusto Braamcamp, em Sacavem.

Creando se em 1884 as escolas industriaes, foi-lhe conferida a que se intitulava de *Gil Vicente*, estabelecida em B-lem.

Encarregado o engenheiro director da Casa Pia, Valladas, pelo ministerio das Obras publicas, de proceder á reconstrucção da capella contigua ao claustro do mosteiro dos Jeronymos, para ali se erigir um mausoleu que recolhesse as cinzas de Alexandre Herculano, requzitou, logo no começo dos trabalhos, a cooperação artistica do sr. Silva.

Em 1885, quando aquelles trabalhos já iam adiantados e a commissão entendeu dever tratar-se de construir o mausoleu, o engenheiro Valladas apresentou o á commissão como competentissimo para elaborar o difficil projecto, onde devia reinar, a par da elegancia da fórma, uma respeitosa gravidade, severa, condizente com o caracter do homem a cujos restos devia servir de sarcario.

Apresentou dois «esquissos», a um dos quaes deram a preferencia.

Por esse «esquisso» foi delineado o projecto definitivo, que, depois de examinado por diversos entendidos no assumpto, foi approvedo para por elle se construir o mausoleo.

Ainda o sr. Silva teve que detalhar todo o delineamento geral em tamanho natural. Chegado a este ponto, em que todo o trabalho artistico tinha sido seu, em que só elle creara com o seu talento toda a obra que devia guardar os preciosos restos do solitario de Azoia, o sr. Silva affastou se d'ali, devido esse facto a causas que não nos cumpre minuciar.

O seu nome devia figurar na lapide commemorativa do monumento a Alexandre Herculano.

E no entanto não figura, affirmando esse facto uma grande injustiça.

BARÃO DE CARVALHO BORGES

Antonio Pedro de Carvalho Borges, barão de Carvalho Borges, o illustre e sympathico diplomata brasileiro fallecido entre nós ha poucos dias, e de quem hoje damos o retrato, nascera no Rio de Janeiro em 1825.

Tendo feito os seus estudos para a carreira da marinha de guerra, ahi serviu até á idade de 24 annos, chegando ao posto de 1.º tenente,

Deixando a vida do mar, entrou na carreira diplomatica, e serviu como secretario nas legações do Paraguay, Montevideu e Estados Unidos.

A maneira brilhante como desempenhou estas commissões, a

seriedade do seu caracter e a sua aptidão para serviços d'esta natureza, levaram o governo a nomeal-o encarregado de negocios em Venezuela, Chili e Bolivia, ministro residente em Buenos Ayres e enviado extraordinario nos Estados Unidos, onde permaneceu durante bastante tempo, deixando ali o melhor nome e as melhores recordações.

De Washington foi transferido para Vienna d'Austria, onde, como em toda a parte, manteve os seus credits de funcionario honesto, illustrado, habil e solícito.

Passando de Vienna para Lisboa, o barão de Carvalho Borges revelou-nos desde logo os seus superiores predicados e aquellas nobres qualidades que o tornaram querido de todos que o conheceram e justificam a grande consternação causada pela sua morte.

A TRANSFORMAÇÃO DE LISBOA

Heje, que anda na tela da discussão a expropriação por zonas, deve interessar aos nossos leitores conhecer o plano geral das grandes obras, que devem tornar Lisboa, conjunctamente com os melhoramentos do seu porto e avenidas marginaes, uma das mais bellas cidades da Europa.

O plano de transformacão obedece ao principio de ligar entre si, como formando um systema, a avenida da Liberdade com parques já construidos ou de facil construcção. A base d'este systema será o grande parque da Liberdade, vasto tracto de terreno ao norte da rotunda da Avenida já construida. Os accidentes naturaes d'aquelle extenso polygono, cuja area attinge cerca de 40 hectares, e o seu esplendido panorama, são de molde para que a arte produza maravilhas de bom gosto. O publico teve ja occasião de apreciar os bellos projectos do parque, que estiveram em exposicão na camara municipal.

A expropriação da casa da antiga travessa das Vaccas em frente do monumento projectado a Fontes Pereira de Mello, permitirá ligar directamente o jardim da Escola Polytechnica com a Avenida da Liberdade.

Assim as communicacões durante o dia, da zona alta da cidade com a parte baixa, que pouco a pouco se transformará no bairro essencialmente commercial, far-se-hão por bellas ruas arborizadas d'um parque já desenvolvido.

Da rotunda da Liberdade, a avenida Fontes Pereira de Mello levar-nos ha á rotunda das Picóas, e por extensa e larguissima avenida, arteria principal d'um novo bairro, ficarão directamente ligados ao centro de Lisboa o Campo Pequeno, transformado em parque, e o Campo Grande.

A grande avenida, cuja extensão é de 1:300 metros, entre a rotunda das Picóas e o Campo Grande, offerecerá largura sufficiente para que os seus passeios tenham duas fiadas d'arvores. E' a arteria principal do novo bairro do Campo Grande, que, ficando a distancia media de 3.000 metros do largo dos Restauradores, deve rapidamente cobrir-se de magnificas construcções.

Este projectado bairro, pelos vastos terrenos que offerece, pela magnifica situação e relativa proximidade do centro, será, sem duvida alguma, procurado para residencias luxuosas e circumdadas de jardins e pequenos parques. O estudo do plano completará ao leitor a summaria descripção, que fazemos.

O COMMENDADOR LUIZ MARIA DE CARVALHO,
conego da Sé de Loanda,
E OS SEUS DISCIPULOS AFRICANOS

Os quatorze rapazitos pretos, que apparecem na nossa gravura, foram, pelo benemerito conego Luiz Maria de Carvalho, resgatados da escravidão e do obscurantismo selvagem nos sertões de Angola.

O digno sacerdote vestiu-os, sustenta-os, agasalha-os sob o tecto de sua casa, instrue-os, educa-os, tendo-se lembrado um dia de lhes ensinar musica, de os construir em uma graciosa fanfara, que não tardará muito que se faça ouvir em Loanda.

Nas horas feridas de trabalho do seu mister evangelico, o bendito conego agrupa estes seus protegidos e lecciona-os; e é certo que a habilidade do mestre, pelo seu apropriado methodo de ensino, pela extrema precencia com que explica, conseguiu já pôr em plena evidencia a sagacidade, a penetração, a excellente memoria de muitos d'esses rapazitos, sendo surpreendente como, em breve tempo, de becaes, alphabetos que eram, sabendo apenas a sua lingua natal,—se exhibem comprehendendo e fallando o portuguez, acolytando a missa no latim ritual, correctamente, desembaraçadamente; lendo as notas de musica na clave, e ferindo-as nos instrumentos, embora em exercicios por ora rudimentares de boa embocadura, obedecendo ao compasso, que vão marcando a si proprios, e sustentando os sons com a firmeza e o rigor compatíveis com a sua idade.

Realmente um prodigio de adiantamento,—o que revelam estes pretinhos, que ahi estão na gravura alinhados, quietos n'aquella gravidade interessante com que sobraçam os instrumentos,—disciplinados como uma banda regimental debaixo de forma, em parada militar!

E ao fundo, erecta na sua campostura respeitavel, a figura sympathica do illustre conego Carvalho, a ornar lhe o peito do seu habito talar a commenda da ordem de N. S. da Conceição, que sobre coração mais bemfazejo não poderia El-Rei collocar.

*

O conego Carvalho fez os seus estudos no Seminario de Santarem, obteve as honras de conego da Sé de Loanda em 10 de abril de 1873, e é actualmente collado no vicariato da freguezia de N. S. dos Remedios, a mais importante da capital de Angola. Todos ali, desde o mais rude preto indigena, teem por elle a fascinação da estima e do respeito.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

Charada

D'um baile de reinação,
Na vesp'ra de S. João,
A's cinco horas,—quasi dial—
Vinham nove rapazotes,
Todos um pouco alegrotos
Assobiando a *Gran Via*.

Indo tudo socegado
O Horta apparece entornado;
E sem mais tir'-te nem guar'-te,
No começo, a brutos modos,—
Da contenda, elle com todos
A riscar põe se com arte!

No Zé, quer ferrar a bolha
E busca dar-lhe uma solha,
Porque lhe chamou taxado;
Mas este, apesar da banha,
Uma *chulipa*, com manha
Lhe dá em sitio adequado.

Depois, o Alfredo e o João
Provocados, tambem dão;
E, escamado, fulo, iroso,
Molha tambem a sopinha,
—Vamos lá, bem fartadinha!—
O Marques, todo nervoso.

Começa o Horta a gritar,
E todos se põem a andar,
Por um pavor instinctivo;
O Thomaz, todo a tremer,
Em casa se foi metter,
Pois p'ra tal tinha motivo—!

O Luiz, um pouco manco,
E mais o Castello Branco
A correr são d'uma canal
O Leal tambem fugiu
E até mesmo, oh! *Dios miol*
Bateu as trancas, *Sant'Anna!*

Fica esta ao Horta de emenda,
P'ra não fazer mais contenda
Co'a bella rapaziada:
Pois quem p'ra *toucas* tem geito,
Hade estar sempre sujeito
Tambem a apanhar lambada!

MATHEUS JUNIOR.

Logogripho

(A todos os charadistas meus conterraneos)

Uma gentil menina assim chamada,—4-8-2-7-8.
D'entre as mais formosas, a primeira,—3-8-7-4-8.
A quem jurei amar a vida inteira,—5-3-8.
Gentilica, elegante, doce fada!...—3-8-6-8.

Só a ti juro amar, flôr adorada,—5-3-6-1-4-8.
Pois é linda tua fronte preciosa,—8-3-8-1-6-8.
E's tão meiga, gentil e tão formosa,—4-7-6-8.
D'entre todas a mais idolatrada!...—8-3-5-1-6-8.

Conceito

Aqui e além, no valle e na serra,
—Até de noite mesmo o tenho achado;
Ora fendendo os ares, vae levado,
Ora a rastrear pela dura terra!...

Santa Comba Dão.

ANTONIO FRANCO.

Charada-mappa

9	9	9	Recreio
9	9	9	Peixe
9	9	9	Peixe
Peixe	Chamariz	Medida	

Abrantes

JOAQUIM AUGUSTO CORRÊA.

Decifrações

DAS CHARADAS:—Bocamela—Peleja.
DA CARTA ENIGMATICA:—João Ratão.

UM CONSELHO POR SEMANA

NEVE

Tomam-se 2:500 grammas de sulphato de soda e 2:000 grammas de acido sulphurico a 36,° e misturam-se n'um barril onde se mergulha em seguida um vaso de vidro ou metal, cheio d'agua.

Preparam-se mais duas misturas d'acido, de soda, eguaes, e repete-se n'ellas a immersão do vaso que contém a agua, que ficará gellada.

Operando-se em grande quantidade de mistura, a congelação é rapida.

A RIR

Curso de hygiene pratica:

— O que deve fazer um doente quando manda chamar o medico, enquanto este não chega?
— O seu testamento.

*

Conversava-se a respeito de uma dama que tem dado muito que fallar de si.

— Apesar de tudo o que se diz, observou alguém, nunca lhe conheci mais do que quatro homens.

— E um cabo, accrescentou uma das suas boas amigas.



O CÔMMENDADOR LUIZ MARIA DE CARVALHO, conego da Sé de Loanda, E OS SEUS DISCIPULOS AFRICANOS

Entre esposos:
 —Dize-me, meu amigo, qual é o vestuário com que gostas mais de me vêr?
 O marido, depois de alguns momentos de reflexão:
 —Com o teu fato de vigem!

O NATURALISMO

OS MAIAS (*)

Acabo de ler o novo livro de Eça de Queiroz, ha tres annos anunciado e esperado com certo interesse, raro no meio da nossa profunda indifferença para tudo quanto se chama arte ou litteratura.

Os Maias descendem em linha recta do *Crime do padre Amaro*, do *Primo Bazilio*, e um pouco tambem da *Reliquia*, arvore geneologica das vastas ramificações da qual o romantico auctor do *Mysterio da estrada de Cintra* nos surgiu um dia, de subito, metamorphoseado em naturalista.

Na *Reliquia* e no *Mandrim*, o temperamento exaltadamente romanescos e nervosamente idealista de Eça de Queiroz, atraiçou-se e descreveu uma parabola fantasista, fóra dos limites assignalados á analyse experimental.

Os Maias, porém, são o documento humano, como hoje se diz, em toda a sua torturante minudencia.

Desejaria fallar-lhes desenvolvidamente d'esta notavel obra moderna, estudal a pagina a pagina, escarpelisa-lhe a phrase a phrase, prestar-lhe, na esphera humilde da minha incompetencia, o largo tributo de apreço que a critica deve a todos os trabalhos firmados pelo sr. Eça de Queiroz.

Mas até onde me levaria esse sagrado dever de todos quantos fazem uso de uma penna, se eu me deixasse envolver e arrastar pela suggestão, quasi dolorosa, na sua violencia e na sua profunda absorpção, que essa leitura transmittiu á minha sensibilidade de mulher?

Seria necessario escrever um livro, e trata-se apenas de fixar em um jornal a impressão, mais ou menos sympathica, aquelles com quem converso, d'este acontecimento actual.

E os *Maias* são um acontecimento litterario, ninguem o duvida, uma bella e gloriosa affirmação do nosso desenvolvimento intellectual, da orientação moderna do artista portuguez, capaz de produzir uma obra, que se fosse escripta em francez, agitaria a Europa e enriqueceria o auctor.

Eu tenho uma admiração incondicional, declaro-o desde já, por este extraordinario estylista que se chama Eça de Queiroz.

Mesmo quando os seus paradoxos me enfarcem e a sua originalidade, um pouco preconcebida, me faz sorrir, nem por isso a forma, audaciosamente encantadora e profundamente humana, em que se modelam as suas idéas, deixa de fanatisar-me.

Eça de Queiroz é um mestre, quem o nega?

A sua prosa f iscante, de uma plasticidade seductora, de um nervosismo contagioso, satisfaz em absoluto ao preceito de Dumas filho: *Quand on épouse la prose, il faut la rendre mère...*

O seu maravilhoso estylo ondeante e aberto em illuminações feericas, tem o verniz moderno a que alludiu Vauvenargues. A sua grande alma de poeta e de artista, murmura-nos por vezes, da surdina de um religioso tremulo de Bach ou de uma doce sonata de Beethoven, estranhos refinamentos de terna sensibilidade, de que só elle, talvez, possui na arte portugueza o inacessivel segredo.

E por entre todas as brutalidades da escola que o attraiu e o possui, por entre todas as *étalages* da animalidade preponderante, mesmo quando elle se deleita, como Zola, em arrastar-nos, presos da sua imperiosa vontade de evocador, aos sombrios abysmos da alma humana, as tenebrosos antros do vicio, onde pulula a vermina dos appetites carnaes e das sensualidades abjectas, o nosso ouvido percebe na voz que o chama uma vaga tristeza piedosa, como que a infinita desolção de um espirito, que não podendo fugir ás fatalidades do mal, nem por isso deixa de aspirar da escura noute á limpida e radiosa luz das celestes auroras!

O idealista, o sensível, o romantico, não desaparecem nunca totalmente, ao contrario do que succede na obra d'esse materialista intransigente, que deu ao mundo a concepção mais assombrosamente humana d'este seculo de lucta, de aspera investigação e de systematica negação,—*O Germinal*.

Esta grande qualidade, que sobreleva no talento de Eça de Queiroz acima de todos os seus complexos dotes de analysta, de psychologo, de humorista e de estylista, é de suppor que elle,—o *leader* do naturalismo nos pacificos e obscuros arraiaes da esthetica lusitana—a considere, litterariamente, o seu peccado mortal.

Peccado ditoso, culpa feliz, sobre tudo para nós, mulheres, pobres sedentas de ideal, que buscamos sem cessar nos ethereos dominios da arte as sobrehumanas perfeições, embora ficticias, as delicadas sensibilidades, embora ephemeras, que a vida ferozmente nos recusa.

Graças a Deus, os botanicos, por maior que seja a sua sciencia, não são capazes de obstar a que as rosas desabrochem; os naturalistas, por mais que façam, não conseguem que as aves deixem de cantar; os astrónomos não perturbam o sagrado esplendor dos astros; os economistas não poderão nunca gelar nos labios da mocidade o ineffavel sorriso do amor; e a despeito dos methodos, das escolas, dos processos modernos e das anatomias da alma, haverá sempre no mundo estas duas loucuras: o sonho dos poetas e a credula ingenuidade dos felizes que se amam. E estas duas loucuras synthetizam toda a sabedoria humana.

Nos *Maias*, Eça de Queiroz, seguindo o velho roteiro de Zola e dos G. incourt, apresenta-nos a estafada historia do atavismo, deduzida nas suas origens, nos seus effeitos e nas degenerescencias de raça, transformando-se, amesquinhando-se, diminuindo-se em absoluta concordancia com a influencia deprimente do meio, do tempo, do habito e do vicio.

Afonso da Maia, o primeiro Maia, o fundador da dynastia dos Maias da Beira, uma vigorosa escultura humana, de um poderoso relevo bronzeo, impõe-se-nos como a forte concretisação do antigo fidalgo portuguez. Tudo n'elle respira a grande, a simples, a austera e casta bondade dos irreprehensíveis.

Uma pomba, dentro do arcaboiço de um leão!

Pedro da Maia, filho espurio d'esse gentil montanhez intemerato, herda-lhe a fogosa alma apaixonada e heroica, o caracter generoso e a distincção suprema.

Mas a decadencia da sua época, a ociosidade dos ricos e a indolente preguiça das *gités*, deslocam da sua pura origem a natureza de Pedro, provocam-lhe um amor ilogico e suggerem-lhe um suicidio cobarde, na hora tragica em que a mãe de seus filhos o abandona para atirar-se aos braços de um aventureiro.

Nasce d'essa união amaldiçoada pelo pae, Carlos Eduardo e Maria Eduarda: elle, um grego do seculo de Pericles, perfumado a Lubin, barba á Guise, idéas limitadas, appetites de sybarita, jaquetão talhado no Pool, opiniões symetricas como as gravatas, linguagem, não raro subtilmente prudhommesca, e caracter incerto e vario.

Ella, uma luminosa e olympica, grave e terna como uma miss irlandeza, hesitando entre a nuvem e o antro, suspensa entre o anjo e a *bête* de Pascal, esvoaçando pelo azul no periodo lamaritiano do namoro, e descaindo affical na vil prosa dos jantarinhos regados a champagne Clicot, com effusões pagãs d'amor livre.

Carlos Eduardo, que passeia pelo Chiado os seus cavallos inglezes, a sua viril formosura academica, o seu alto dandysmo e as suas aventuras equivocadas, encontra uma tarde essa estranha mulher eburnea, que se ergue palpitante das paginas do livro, no loiro esplendor da sua altiva belleza hellenica.

Vê a nó Aterro, os seus olhares cruzam-se em um relampago em que se crystalisam, como diria Stendhal, os seus dois corações fatalmente confundidos, dando-se um ao outro á imperiosa e dominativa lei do amor.

Elle vae procural-a a Cintra, sonha-a branca e loira por entre o brando ciclar das folhagens, descendo do claro céu ou evolvendo-se, como uma fragancia, da alma das flores.

E Cintra, «emergindo abruptamente da copada linha do bosque assoalhado, subindo no pleno resplendor do dia, destacando vigorosamente n'um relevo nitido sobre o fundo do céu azul, o cume airoso da serra, toda côr de violeta escura, coroada pelo castello da Pena, romantico e solitario no alto, com o seu parque sombrio aos pés, a torre esbelta perdida no ar, e as cupulas brilhando ao sol como se fossem feitas de oiro» (vol. 1.º, pag. 320,) Cintra, miniaturizada em um fino traço incisivo e rapido, aguarelada em uma tinta ductilmente esbatida, tocada com uma rara delicadeza de execução, apparece-nos sob um aspecto novo e mergulha-nos em um encantamento vago, em que o nosso pensamento fluctua como um cygne dormente boiando na calma transparencia de um lago...

Essas admiraveis paginas do primeiro volume, o monologo de Carlos, a pagina 153 do volume segundo, *uma tempestade em um cranio*, a scena dilacerante, a pagina 223, em que o visionario Carlos cae do alto das suas aureas ficções na prosa trivial do passado de Maria Eduarda, as palavras que se cruzam como flores, a simplicidade grandiosa d'essa paixão vivida; e outras, quando elle perdoa á deusa a macula que ella trouxe dos impuros contactos da terra, e Maria conta, prostrada a seus pés, o melanco-

(*) Editores Lugan & Genelioux, Porto, 2 vol, de 990 pag. 2\$000.

ico romance da sua pobre vida errante, e muitas, em que vibra intensamente a sensibilidade, quasi feminina, do artista, o seu prodigioso dom creador, a sua maravilhosa sciencia de colorista, projectando uma claridade deslumbradora em todos os quadros descriptivos; esses e outros primores, engastados como joias de peregrino esmalte em 990 paginas, bastam para que os *Maias* sejam uma das obras mais notaveis que opulentam a litteratura portugueza.

Um dia, subitamente, na medonha derrocada de toda uma ventura extincta e para sempre irremediavelmente perdida, o descendente dos Maias descobre que Maria Eduarda, o archanjo despenhado e remido nos extasis da paixão, a amante de hoje, a esposa de amanhã, é sua irmã.

E depois de saber, o condemnado resvala na ignominia do incesto consciente, matando o honrado avô que morre, como o arminho d'essa nodosa infamante; e imprimindo em si proprio o estigma, de que o autor e Carlos se esquecem, aparentemente, ao reaparecer-nos afinal, a misera e degenerada vergonha, absorpta na transcendente preocupação, que nunca deixa de imperar no Maia decadente, de comer do bom e do fino, mandando preparar no Hotel Braganza a sopa, vacca e riso do arcebispo.

N'esta deploravel convenção de escola acaba essa magnifica auto biographia! E da obcecação do naturalismo, frizando aqui e alli o pueril e o grotesco, tira o livro as unicas imperfeições que o amesquinham.

A linguagem fallada pelas figuras que se movem dentro da ampla tela, que o auctor quiz cingir em uma moldura restricta, no intuito de fugir á rhetorica, descaie na reles vulgaridade.

Ambicionando ser natural, é frequentes vezes grosseira.

Homens do *sport* e do *gratin*, titulares frequentadores de salas, expressam-se em calão de arriero, e repetem sem cessar, a proposito de tudo, como um tam tam absurdo, a palavra «caramba».

Arrastado pela febre da originalidade, Eça de Queiroz diz-nos cousas fantasticas, de um exotico impagavel.

Exemplificarei, colhendo, ao acaso, uma silhota de mulher lisbonense, como não existe, nem existira nunca na cidade de marmore e granito.

... «a rapariga principiou a apparecer em S. Carlos, fazendo uma impressão — uma impressão de causar aneurismas, dizia o Alencar! Quando ella atravessava o salão, os hombros vergavam-se no deslumbramento de aureola que vinha d'aquella magnifica creatura, arrastando com um passo de Deusa a sua cauda de côrte, sempre decotada como em noites de gala, (!) e apesar de solteira resplandecente de joias. O papá nunca lhe dava o braço: seguia atraz, entalado n'uma grande gravata branca de mordomo, parecendo mais tisonado e mais embarcado na claridade loira que sabia da filha, encolhido e quasi apavorado, trazendo nas mãos o oculo, o libreto, um sacco de *bonbons*, o leque e o seu proprio guarda chuva.» (!)

E mais adeante, devaneando uma Lisboa de convenção, o romancista descreve:

«Era uma manhã muito fresca, toda azul e branca, sem uma nuvem, com um lindo sol que não aquecia, e punha nas ruas, nas fachadas das casas, barras alegres de claridade dourada.

Lisboa acordava lentamente: as saloias ainda andavam pelas portas com os seus ceirões d'hortaliças: varria-se de vagar a testada das lojas: no ar macio morria a distancia um toque fino de missa.»

Não parece que estamos vendo em um ciclorama uma pseudo Lisboa, esquiçada ao norte por um lapis estranho e fixada para exportação em uma oleographia barata?

A que hora avistaria Eça de Queiroz saloias com ceirões d'hortaliça, passando rente de lojas que varriam a testada?

Frequentes vezes, saie-nos pela frente o vocabulo *goche*, aos tropeços no lexicon portuguez, pretendendo nacionalisar, sem utilidade, o *gauche* francez!

Em compensação, a *baptiste* substitue, sem razão justificada, a cambraia!

— Se eu fosse cavallo ou mulher, diz esbandalhamente um marquez da alta.

A pag. 200, Eça de Queiroz, sempre sob o hypnotismo zolaista, erra, propositadamente, uma citação, attribuindo aos padres da igreja uma phrase de Thereza de Jesus.

O seu ardente estylo de combate embacia-se, não raro, na atroz cacophonia. Pag 282, vol. 1.º — «Cá ha a Gazeta»

O gallicismo floreja sem reboço nos mais rutilantes periodos: «Todo o mundo», etc., etc.

E n'este prolixo estudo, arrancado em flagrante ao conflicto da vida moderna, o autor introduz bizarramente dois obsoletos comparsas de um scenario archeologico: O escudeiro! e o pagem!

A pag. 76, vol 2.º, Queiroz repiza o seu grande oraculo Proudhon, extrahindo lhe dos labios seccos como uma charneca arida, um sedico epigramma disparado contra a instrucção da mulher.

N'este volume flammejam aspectos, phases, contornos, traços, perfis do nosso microcosmo, de uma verdade pungente: as redacções dos jornaes, as corridas, os pamphletos burlescos, a litteratura, os litteratos, no meio dos quaes resalta uma personalidade muito conhecida, um nitido retrato photographico, de uma rara fidelidade.

Mas a par d'essa pujante dualidade, em que o observador e o pintor se encontram e se completam, Eça de Queiroz esqueceu que Portugal atravessa em plena luz o ultimo periodo do seculo XIX, e descreve-nos falsamente um grupo do snobismo lusitano, cobrindo de larachas, no Salão da Trindade, a musica classica e evocando saudosamente Offenbach, o maestrino das cozinheiras!

As metaphoras repetem-se com uma obstinação inverosimil na palheta de um colorista uberrimo, e nada menos de seis mulheres encontramos ao longo do romance, com «peito de rola farta (!)»

Resumindo, um admiravel livro, que nos agita profundamente, que sacode a nossa inercia, que perturba o nosso systema nervoso, que vinca no nosso cerebro, com o fundo côrte de uma agua-forte, tres ou quatro physionomias genialmente esculpidas, que nos deslumbram pela irradição de um sem numero de paginas, soberbamente cinzeladas. Um livro que faria de Eça de Queiroz um triumphador, se elle o não fosse ha muito, e cujo defeito unico consiste em não ser sempre sincero, á força de querer ser convencionalmente humano.

GUIOMAR TORREZÃO.

PERFIS

OPIHELIA

(A VICTOR SILVA LISBOA)

De azul e branco, passeia
Pelo seu jardim, Ophelia;
Uma formosa camelia
Nos seus cabellos se enleia...
De azul e branco, passeia
Pelo seu jardim, Ophelia.

Em que pensa? Que medita
Essa creança divina?
E chora, se acaso fita
A vastidão da campina?...
Em que pensa? Que medita
Essa creança divina?

Ah! não divisou ainda
O seu dedicado amante,
E por isso, a todo o instante,
Sente uma saudade infinda...
Ah! não divisou ainda
O seu dedicado amante...

LUIZ DA SILVA.

Expediente

O brinde correspondente ao 4.º anno da *Illustração Portuguesa*, será distribuido com o 1.º numero do 5.º anno, que vae ser publicado em typo novo, com importantes melhoramentos na parte litteraria, gravuras mandadas vir do estrangeiro, etc.

Envidaremos d'ora avante todos os esforços para que a publicação e distribuição dos numeros sejam feitas com a maxima regularidade.

*

A secção *Passatemplos* continua a estar á disposição dos nossos leitores que n'ella queiram collaborar.

GRANDE SUCESSO LITTERARIO
AS DAMNADAS DE PARIS

Está já publicada a primeira caderneta

Recebem-se assignaturas no escriptorio do "Diario Illustrado"
 Travessa da Queimada, 35—Lisboa



AS DAMNADAS DE PARIS

(Specimen das gravuras)